



288 Collor desfilou por 13 quilômetros de sete bairros de Manaus seguido por poucos carros

Collor se vê como uma MacLaren

Manaus — Uma MacLaren ajustadinha. Assim o candidato à sucessão presidencial pelo PRN, Fernando Collor de Mello, se definiu ontem no seu primeiro teste de rua. Exageros à parte, foi inevitável reconhecer que, durante as três horas em que percorreu sete bairros populares da capital amazonense, visitou a Assembléia Legislativa e a Câmara dos Vereadores, num preparativo para o seu comício à noite, Collor empolgou uma confusa mistura de eleitores: ricos, nos seus carros do ano, miseráveis em casas de palafita, militares em uniforme do Exército e Aeronáutica e políticos dos diversos partidos que se dispuseram a ouvir a repetição do seu discurso moralista e por uma "unidade nacional, acima dos partidos e das ideologias".

Além de ter aparentemente encontrado o filão eleitoral que o levou ao pico nas pesquisas de opinião, Collor parece contar com a falta de ação dos seus adversários para crescer em meio ao que poderia parecer desgastante. Como o aeroporto Eduardo Gomes estava em reforma, teve que desembarcar às 11 horas na Base Aérea. Perdeu uma possível festa no desembarque, mas ganhou do comandante do 7º Comar, brigadeiro Luis Antônio Leomil — que impediu a movimentação da imprensa e de poli-

ticos na Base —, um inesperado aliado. A proibição só fez juntar gente na sua saída e resultou na confissão do oficial do dia, tenente coronel Helmut:

— Desculpe, eu cumprio ordens, mas sou Collor. Eu e toda a milha família.

O oficial ganhou adesivos, ouviu Collor dizer que não se preocupasse, "pois logo tomaremos esta Base", e assistiu a uma festa que se armou nas imediações: foguetes e uma aparelhagem de trio elétrico repetindo incansável a voz da Simone no samba-enredo Disputa do Poder: "Piuí, piuí, xuá, xuá, só quero ver onde esta zorra vai parar".

Em cima de uma camionete, Collor tirou o paletó e, ao contrário de uma MacLaren, desfilou vagarosamente por treze quilômetros de sete bairros populares de Manaus. Gastou uma hora no percurso seguido por um número não muito grande de carros, mas chamando às ruas e janelas grupos de entusiastas: uns acenavam, outros levantavam o polegar ou esmurravam o ar e um terceiro grupo, diminuto, mas decidido, desaprovava.

Nas janelas surgiam senhoras enroladas em toalhas de banho (é comum em Manaus um banho no horário do almoço); nas ruas, buzinação, garotos seminus c

atrás de adesivos e saudações inusitadas, como os acenos e murros no ar de estudantes e instrutores do Colégio Militar de Manaus. "Pelo menos no Colégio Militar eu estou bem" — ironizou Collor.

Suando em bicas, ele chegou à Assembléia Legislativa e fez um pouco de demagogia. Recusou um lenço para enxugar o suor, evitou o copo de água e disse que não pretendia descansar. Em meio a um amontoado de pessoas que tinham um pedido ou queriam apenas um cumprimento, deu sua primeira entrevista coletiva. Mais tumulto, um discurso no plenário lamentando que o "Brasil caiu nas mãos de quem não tem capacidade nem dignidade" para governar e mais correria pelo centro da cidade.

Saiu dali para a casa do empresário Humberto Calderaro, proprietário do jornal "A Notícia". Contabilizou suas andanças pela cidade, garantindo que está de pneus novinhos na corrida presidencial. Um repórter perguntou se ele não temia desfilar em carro aberto. Fez uma apologia de sua "candidatura civil". O repórter comparou-o a John Kennedy: sorriu. O repórter lembrou Dallas. Collor procurou o braço de madeira de seu assento e bateu: "Pé de